



Quando a minha avó fica preparava as festas da Páscoa, da senhora da Algodada e outras, eu gostava de ir com ela para a ajudar a fazer os bolos.

Fazemos fanéias, fígadas, rosquidos, filhoses, boricadões, biscuitos e bolos de canela.

Uns dias antes da Páscoa, a minha avó veio a minha casa, porque nós temos um forno a lenha, e fizemos boricadões juntos.

A receita que usámos foi esta:

Boricadões

3 ovos

1 ligela de açúcar

1 ligela de azeite

1 ligela de vinho branco com aguardente (metade de cada)
(a rúinha, mais ou menos 2 kg).

Batemos tudo, esticámos a massa com o rolo, boricámos com ovo e palvilhámos com açúcar e canela.

Os bolos ficaram deliciosos, comemos-os com um chá e guardámos os restantes para os nossos lanches e pequenos almoços.

Carolina de Sousa Moreira | 77 anos & Maria Emilia Moreira | 62 anos



"Tanto que aprendemos com os nossos avós: sete histórias de mãos dadas"

Quando eu ia para a casa da minha avó Adelaide gostava muito de a ver bordar e pedia-lhe para ela me ensinar.

Um dia, quando tinha 10 anos ela achou que eu já podia aprender. Sentou-me ao pé dela, ela deu-me um pano e desatou nesse pano duas cenejas. Deu-me uma agulha e linhas e disse-me para enfiar a linha no buraco da agulha. A linha era verde para eu começar a fazer a folha da ceneja. O ponto que eu comeci a fazer foi o ponto de pé de flor. Para mim é muito fácil e fica muito bonito.

A minha avó sabe fazer muitas mais coisas do que eu e são muito bonitas: faz bordados que colocamos em quadros, tabuleiros, almofadas, colchas, relógios...

E ainda tenho muito que aprender ...



Carolina de Sousa Moreira | 11 anos & Adelaide Maria Dias | 64 anos



Os meus avós portugueses, Manuel e Celeste, dedicam-se à criação de colmeias rurais, entre as quais a apicultura.

Utilizam a apicultura tradicional que é feita com cestos e a apicultura moderna na sua mobilidade com colmeias móveis.

Em cestos retiramos alguns tipos de mel e amamos para fazer os bolos nas matruças e, além disso, são boas ferramentas de mel.

Os colmeiros móveis possibilitam maiores quantidades de mel, porém a extração é feita com uma máquina.

A mel mais doce é extraída com o equipamento, por ser mais puro, que é o tipo "Purinho", também é muito utilizada (abelhas trabalhadoras) para fazer mel de alta qualidade, além de mais.

A abelheira de abelhas morio conforma-se como de uma, sendo as plantas preferidas das abelhas: as urzes, os romãs, os lírios, os lírios, etc.

A melhora do alimento feita pelas abelhas é através da pólen e mel, os quais são transformados em mel que se extraí com filtro e agulha, através de uma máquina chamada "extratores de mel".

Para que esta atividade familiar tenha sucesso, os meus avós têm a máxima atenção ao mel, por é melado.



João Barateiro | 9 anos
Celeste Barateiro | 65 anos &
Manuel Barateiro | 69 anos





"Quando volto da escola à tarde, comprimento a minha avó que vive na minha casa. Costumo lanchar com ela. Ela é muito risonha e generosa. Um dia, o Sr. João Correia: com ela sobre a sua noiva de antigamente. Foi até a nossa conversa."

"Quando vou tomar banho quando vou de férias de água? Vou entre 25 e 30 Junho de idade. Vou de férias do trabalho de trabalho e os habitantes também ter o meu caso para as comprar. A casa e a taberna ficaram junto ao trabalho de férias."

"Vou algumas ajudadas?
"Sim, chamam-se Marco Teresa e Maria Miguel, que me ajudaram a fazer as coisas."

"Sim, vou as férias!
"Vou de férias, mesmo conversa, até minha casa. Vou buscar água à fonte, ao fim de um sítio que antes se chamava "Linha do Trabalho".
"Oh, nascido!"

"Marc, no fim do tempo, a minha mãe chamava-se Simão e o meu pai chamava-se Manuel João."

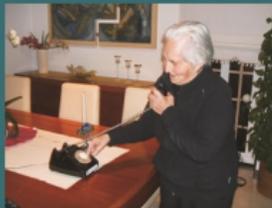
"E depois que tinha uma taberna!"

"Um dia, também uma taberna onde vendia vinho e frutas, aguardente, alho, ervilhas (amendoim), e-lavados, pastilhas. Abria às 7 da manhã e fechava às 7 da tarde. Estava aberta todos os dias."

"Vou tirar telefone?"

"Um tempo caso queria um telefone, onde as pessoas iam telefonar a amigos e familiares."

Ricardo Pereira | 12 anos & Teresa Miguens Carrilho | 89 anos



"Tanto que aprendemos com os nossos avós: sete histórias de mãos dadas"



Nas férias e nos finais de semana, eu e o Guilherme vamos com a minha bisavó e avô dele para um terreno que nos foi oferecido por uma vizinha de Gavião de Rodão, a Dona Silva. O terreno situa-se no aguçado de Gavião de Rodão e estamos a cultiva-lo com a ajuda da minha bisavó. Costamos a fazer uma capoeira para criarmos os nossos frangos animais, com o que cultivamos na horta e os restos de casa, como as folhas, foguão e aliçadamente. Agora estamos a fazer uma colheita para fazermos coelhos. Na massa capoeira, já temos 15 frangos, um peru, quatro patinhas e duas coelhas.

A propósito da horta e da capoeira falamos muito com a minha bisavó. Nessas conversas aprendemos quando se semeiam as hortalças na horta e as colheitas; que devemos ter cuidado ao tratar das legumes para não serem fongos, e como se devem tratar dos animais.

Também aprendi ferramentas como estas:

- > O Trilho que usamos o dono já para casa.
- > Dia de São Elcábio vai à adega e para o vinho.
- > Dia de São Elcábio mata o teu fungo.



Aqui fica a forma como nós e a minha avó semeamos o alho:

- 1º Colocamos a terra;
- 2º Arrumamos a terra para não mudar muito;
- 3º Arrumamos a terra e depois se colhe;
- 4º Depois temos de um lado de outro;
- 5º Depois se os alhos para a terra e horta;
- 6º Regamos o alho;
- 7º Por fim colhe-se com um plástico.

Ruben Lourenço | 14 anos Guilherme Nogueira | 17 anos & Maria Esteves Filipe | 86 anos



"Tanto que aprendemos com os nossos avós: sete histórias de mãos dadas"

Quando eu era pequeno, a minha mãe contava-me que a minha avó, cuja mãe é Ana Almeida Matias, era conhecida em Vila Velha do Rio de São Ana (Sede). É aí, que oitava festa ao nome, sem dia seguinte à minha mãe porque é que se chama a aldeia da minha avó. E sendo a minha mãe disse-me que antigamente, como as pessoas não tinham dinheiro, mandavam arranjar os fados fadistas à família da minha avó. Ela fazia-se as vacas do fado com pequenos objetos, que faziam ajeitar, chamados "ajudas". Ainda hoje, quando os meus colegas me chamam gato, eu apelo porque sei o porque e acho muito graça. Para além disso lembro-me da minha avó, que já morreu há dois anos, e de quem tenho muitas saudades e admiração.



Sérgio Silvestre | 14 anos & Ana de Almeida Matias

